

QUINTA-FEIRA  
Lisboa--20 de Setembro--1928

5 TOSTÕES

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura



sempre  
**fixe**  
semanário  
humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

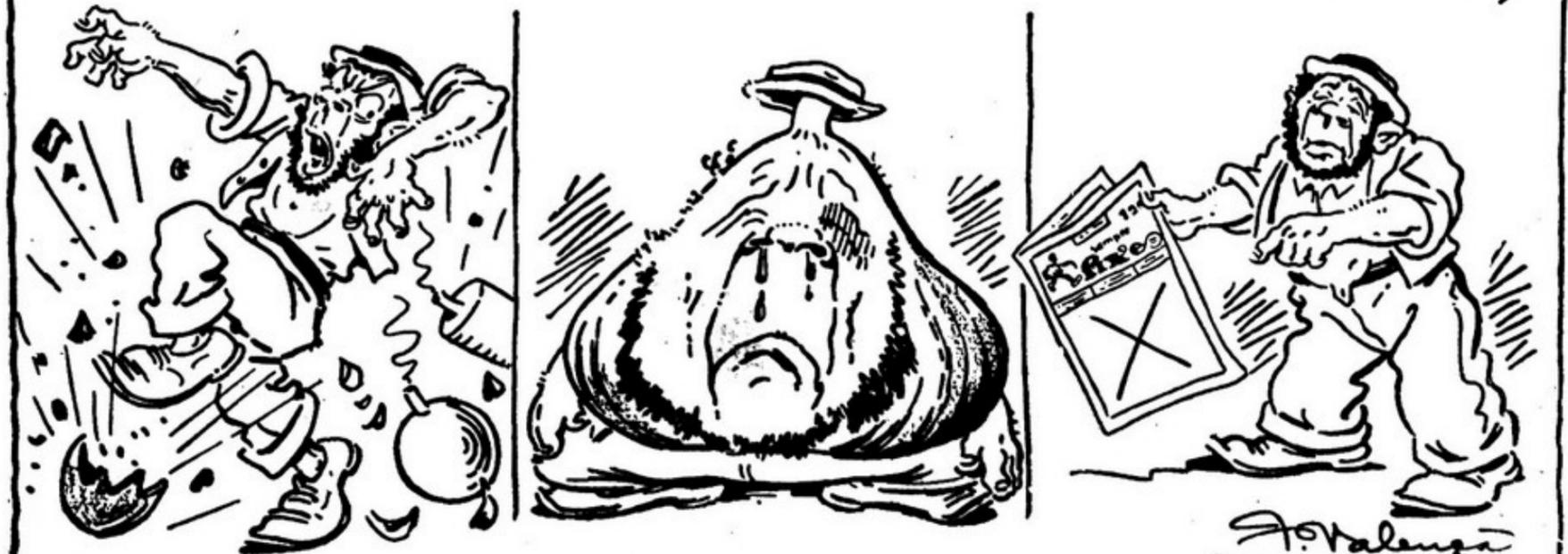
DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

# Fruta que o Zé disfruta



Atravessado por AMEIXAS, "enxertado" de CASTANHA e mimoseado com PINHÕES



e "LARANJINHAS," fica num FIGO e ainda lhe dão AMENDOA AMARGA!

Exemplares de todo o ano, que não figuraram na Exposição Pomicola.



# Os ditos da semana



**Palhaço doutor** Grock, palhaço famoso que fez as delicias dos circos de Londres e Paris, foi nomeado doutor «honoris causa» em filosofia, pela Universidade de Budapest. Se a moda pega, e todos os palhaços que nós conhecemos vão ser elevados a semelhante honraria, com grande magua do sr. dr. Alfredo de Magalhães, que um dia vociferou o seu odio aos doutores, pouca gente em Portugal se salvará. E assim teremos o dr. Rico, o dr. Alex, o dr. Walter, o dr. Sevilha, e alguns que já o são — doutores, bem entendido — passarão a ser bi-doutores, tal qual como a pescada que antes de ser já o era, e como alguns que, pelas matematicas e pelos astros, andam ha uns poucos de anos fazendo as suas piruetas, para gaudío de creanças e adultos.

A classe dos doutores deve sentir-se honrada por contar no seu gremio, um homem que toda a vida fez rir os outros, quando tanto doutor que nós conhecemos, a começar pelos que tiram dentes, não nos fazem senão chorar. Falta, porém, saber que pensarão os palhaços. Por enquanto não consta que tenham nomeado palhaço «honoris causa» nenhum dos doutores que fazem chorar.

*Ridi pagliacci...*

**Uma ideia que não pega** O sr. dr. José de Ataíde lembra aos poderes publicos que plantem arvores á beira das estradas, mas o sr. dr. José de Ataíde está iludido. O portuguezinho valente não compreende senão a arvore que dá peras ou dá maçãs, ainda que não seja senão para elas lhe esborracharem o nariz, como aconteceu aquele maduro de Newton que só descobriu a lei da gravitação universal quando uma maçã



— Já pedi, com vezes, duas cervejas...  
— Já trago todas...

me esclareceu a inteligencia com uma caqueirada nas ventas.

O sr. dr. José de Ataíde não sabe em que se mete. Arvores de sombra á beira das estradas, é uma coisa transcendente que o paiz não entende e como a não entende ha-de rir-se da ideia do chefe da repartição de Turismo.

A nossa gente tem um prazer especial em deitar abaixo uma arvore, porque o portuguez não tolera que alguém lhe faça sombra e como não sabe fazer-la, nem sabe dar marmelos nem castanhas, vingase derrubando as arvores que vieram á terra com essa missão.

O proprio lavrador, em regra, não planta senão figueiras, e essas mesmo, planta-as involuntariamente, quando escorrega numa casca de laranja, mas, so porque a planta, roga logo uma praga, ou solta uma exclamação que parece uma trovoada.

Ag ultimas arvores que se plantaram em Portugal foram a que dão laranjinhas, mas essas mesmo ha muito que não rebentam. O sr. dr. José de Ataíde perdeu o seu tempo, que é o que acontece a quem tem uma

ideia inteligente, uma ideia do seu tempo.

A unica coisa que farão é plantar-lhe um cipreste em cima do alvitre.

**O misterio da vida** O professor Hill, pela boca do seu colega Donnan, vae dizer na Academia das Sciencias de Londres, o que é o misterio da vida. O mundo inteiro está suspenso do labio de Donnan, á espera que ele diga, não como se vem de França, numa condessinha, mas como a gente vae para lá.

Hill profundou os misterios até hoje julgados insondaveis e vae explicar á humanidade boquiaberta tudo quanto sabe da vida, e parece que sabe quasi tanto como certa visinha bishilhoteira que nós temos, que não ignora nada, mesmo nada, da vida... alheia.

Parece que o grande sabio descobriu a verdade maxima, deixando pelas ruas da amargura as teorias de Darwin, segundo as quaes todos nós temos um macacão na familia.

Nada de macacos, embora o dr. Voronoff contrarie um pouco esta doutrina demons-

trando praticamente que qualquer mortal é *cavalo* idoneo para um enxerto simio.

O sr. Hill concluiu, ao cabo de laboriosas experiencias, que o homem morre por falta de balões de oxigenio e deve ter razão, mas nós ficamos a pensar na quantidade de gente que ultimamente tem morrido exactamente por causa dos balões.

Emfim, aguardemos que os sabios se manifestem porque também havemos de ter que dizer de nossa justiça.

O *Sempre Fixe*, não descure estes problemas e vae já começar a fazer as suas experiencias com dois canarios, um alimentado a oxigenio e outro a alpista a ver qual morre primeiro. Se o primeiro a morrer for o do oxigenio, mandamos os sabios á alpista.

**Uma, mas bem feita** O nosso colega *Novidades* — colega, porque também é jornal e, já agora, porque ás vezes também é humoristico — intitulou um artigo de fundo, na semana passada, com esta curiosissima epigrafe: «Uma, mas bem feita».

É o que se chama ser pouco exigente, no que diz respeito á quantidade. Da qualidade já não se pode dizer o mesmo.

Que dirão os meninos do coro?

**Alpargatas** A companhia Hortense Luz, enviou-nos dez senhas para calçar de alpargatas dez vendedores do *Sempre Fixe*. Os ramboias cá da casa vão ser calçados pela ramboia da «Ramboia» do «Maria Victoria», e vão causar, como ela, o espanto das *velhas do seu beco*.

Em nome da rapaziada, muito obrigado.

Que nunca os calos lhe doam.

## NO PALACE da CURIA



Sua Ex.ª o sr. Ministro do Interior tratando do interior...



— Então, como achou o bife?  
— Escondido debaixo duma batata.

## Contra os D. Juans

### Carta a uma rapariga bonita

Fiquei a pensar nas queixas que me fez, ha dias, dos atrevidos conquistadores que pejam os passeios do Chiado e da Rua do Ouro, ás cinco da tarde, e dos que frequentam o cinema, na exclusiva mira duma conquistista facil. Realmente, Lisboa, por esse lado, está inabitavel. Não pode uma rapariga bonita passar sosinha em certos sitios, que não seja alvo de madrigais mais ou menos insulsos. Não pode uma rapariga elegante — e quem diz uma rapariga, diz mesmo uma senhora casada — ir ao cinema, que não se arrisque a ter a seu lado, cavalgando á estribeira, um impertinente D. Juan, mais ou menos parvo. E tanto reflecti na razão dos seus protestos, que me decidi a consultar algumas senhoras amigas, cujo saber é «todo de experiencias feitas», e que me ensinaram algumas receitas boas para fazer afastar esses impertinentes mosquitos. Como, porém, o que aprendi de nada me serve, pessoalmente, vou communicar-lho a si, certo de que dalguma forma lhe teré sido util.

\*\*\*

Na rua, uma senhora sente-se bastantes vezes assediada por um cavalleiro, aliás correctissimo, que se lhe oferece para a ajudar a conduzir a casa os seus inumeros embrulhos de compras. Durante muito tempo, essa senhora fez ouvidos de mercador. Mas como a paciencia tambem tem limites, um dia resolveu-se a aceitar o amavel oferecimento do seu desconhecido perseguidor, e passou-lhe para a mão todos os embrulhos que levava. Grande alegria do «conquistador», que dizia de si para si, com certeza: «Tau, já cá canta». Esa alegria subia de ponto á medida que ambos subiam a escada que levava á residencia da paciente senhora. Lá em cima, porém, quando, depois de alguns minutos de espera, o D. Juan pensava que a sua conquista o mandaria entrar, appareceu-lhe á porta a criada, com uma nota de 2\$50, e este recado:

— A senhora diz que desculpe ser tão pouco, mas não tem agora mais dinheiro trocado...

\*\*\*

No Central, uma noite, havia um cavalheiro que se entretinha, o mais discretamente possivel, soprando sobre a nuca duma rapariga de 18 anos, pouco mais ou menos, que estava sentada na fila adiante. Ao mesmo tempo, a rapariga sentia um pé que, vindo surretamente, por debaixo da cadeira, procurava misturar-se com os seus. Que faz ela? Não perdeu o sangue-frio; e, como estavam no inverno, e nesse tempo as sombrinhas — como os nossos chapéus de chuva — tinham uma ponteira de metal, afilada, procurou-lhe o geito, e zás: pôs-lhe a ponteira sobre os dedos dum dos pés, e apoiou-se á sombrinha com quanta força tinha. Atrás de si, o glorioso «conquistador» gemia, gemta, em surdina, procurando a todo o custo escapar áquelle suplicio inquisitorial...

\*\*\*

Uma vez, num electrico, havia um cavalheiro que se aproximava demasiado duma rapariga, elegante e bonita, que occupava o mesmo banco. Era um banco estreito, para duas pessoas, num carro fechado. E tanto se aproximou, tanto se aproximou, que a rapariga, enchendo-se de coragem, se viu forçada a dizer-lhe, de modo que os outros passageiros ouvissem:

— O senhor, se pagou dois bilhetes, não tem mais do que dizer, que eu mudo immediatamente de lugar.

E o effeito foi fulminante.

Mas esta já vai longa. Para outra vez lhe direi mais alguma coisa do que me ensinaram. O *Noticias* não tem tempo para salvar todas as raparigas, e eu quero ter o prazer de a ajudar a salvar a si.

**Sortes grandes**  
só o PINA as vende  
75 — Rua de S. Paulo — 77

## AS MANHAS DE UMA SOGRA

— Eu — dizia Eusebio, por vezes, á roda de amigos que o escutavam assombrados — posso considerar-me um homem feliz; não sei o que é ter uma sogra. Minha mulher é de Traz-os-Montes e a mãe por lá está longe, felizmente, em sitio onde não me pode causar perda nem dano.

Os amigos consideravam Eusebio de olho invejoso e contavam as suas infelicidades conjugais originadas quasi sempre nas intrigas e manobras traiçoeiras das sogras. E vinham as lamentações e as pragas capazes de fazer estremecer medrosas as proprias pedras.

— Deviam ir todas para o Inferno!  
— Gostava de vê-las amarradas á cauda de cavalos e arrastadas pelos cabelos a todo o galope!

— Deviam morrer todas após o nascimento das nossas esposas!

— Que mil raios as partissem a todas!

Eusebio escutava sorridente estas exclamações de mau humor e, para aguçar o despeito dos outros, contava as suas felicidades caseiras.

— Levo uma vida deliciosa. Minha mulher adora-me. Não temos filhos. Logo de manhã, uma criada velhota — a Cristina, uma santa mulher — leva-nos o café á cama. Aquella criada não sabe o que ha de inventar para nos ser agradável. Cosinheira magnifica, faz accepices de truz. Aconchegamos a roupa todas as noites, ao deitar. Traz minha mulher nas palminhas. A's vezes chego a dizer: «Se minha sogra fosse uma velhota amavel como a Cristina, gostaria de tê-la na minha companhia. Seria a reabilitação das sogras».

Os amigos olhavam-no de soslato. E quando, depois de o ouvirem, o viam afastar-se, ficavam a dizer mal dele pelas costas e a descejar-lhe tantas arrelias quantas eles proprios sofriam.

E um dia, Eusebio appareceu palido, olhelrento e cabisbaixo. Todos estra-

nharam a ausencia daquelle ar radiante que lhe era peculiar. Depois de muito instado, Eusebio falou:

— Eu era, como devem estar lembrados, o homem mais feliz do mundo. O meu lar causava inveja aos mais venturosos. Pois a partir da semana passada, tudo mudou. Tenho minha sogra em casa.

Houve um *ah!* unanime de admiração, senão de geral regosijo.

— Mas o mais extraordinario de tudo isto é que minha sogra já vivia ha muito tempo em minha casa sem eu saber.

— Estava escondida? — Inquiriu um mais curioso.

Eusebio, sem responder directamente, prosseguiu:

— Ha dias, encontrei um amigo, que é da terra de minha mulher, que me desfechou sem mais ceremonias esta pergunta perturbante: «Então como se tem dado com a sua sogra?» Fiquei alarmado e respondi-lhe: «Felizmente, nem sequer a conheço». — «Você não a conhece e tem-na lá em casa?» Assaltou-me uma horrivel suspeita. Dirigi-me a casa, entrei como uma furia, convoquei minha mulher e a criada para uma assembleia geral extraordinaria e, reunidos todos os membros, interroguel em voz tragica: «Qual de vocês é a minha sogra?» Sim, porque ou era a Cristina ou era a minha mulher.

E quem era?

— Era a Cristina. Confessou-o ella, pondo as mãos nas ancas num ar de desafio. Vi derruir naquelle instante o meu castelo de ventura. Minha sogra era a mais esperta de todas as sogras, tão esperta que se disfarçou em humilde criada para introduzir-se na minha casa. Agora que deixou de ser criada para ser sogra, em vez de aconchegar-me a roupa, de amimar-me, de me fazer accepices, espera-me todas as noites com uma intriga ou tarefa. Eu sou, meus amigos, o mais infeliz dos mortais.

## OLLEBOMA

(Autor da «Culinaria».)



Para abrir o appetite recomendava-se dantes um aperitivo, ou uma chave de «trínco», para trincar melhor. Ha agora remedio superior: basta ler a «Culinaria», cujo autor sabe de cór e «au sauté» as mais appetitosas receitas de cozinha e copa.

«Sempre fixe», só de ler tão succulenta prosa, escrita, certamente, com pena de pato... com arroz, sentiu crescer agua na boca do estomago!

## Da musica em geral e da verdade em particular

*Rocix*, pseudonimo do inspirado autor da *Ironia Pagã*, é, sem lisonja, um excelente camarada e um apreciaavel humorista que allá á sua grande modestia um absoluto desconhecimento de coisas musicais. E' por esta razão, talvez, que num dos ultimos numeros deste interessante semanario clo teve a ousadia de se referir á orquestra dum dos nossos cafés em termos que, se não eram para melindrar, deram azo a que os musicos, num gesto irado e não fecundo e no meio do pasmo da freguesia, o provocassem e lhe pedissem satisfações, as quais, como era de esperar do articulista, foram dadas... humoristicamente. O pedido de *satisfações* (como diz o vulgo) fez pasmar muita gente, mas o que é facto é que todos os talentos assim devem proceder!

Eu, que assisti á scena tragi-comica, depois dos animos serenados, exprobei o procedimento de *Rocix*, fazendo-lhe notar que apenas podem dar a sua opinião aqueles que tenham aprendido no estrangeiro com as maiores notabilidades musicais. A minha profissão é a de escultor e desenhador, mas todos ignoram que em Paris fui critico musical dum jornal de grande tiragem — uma especie de *Diario de Noticias*, mas muito mais ampliado.

Fiz tal successo como critico que se organizou uma comissão de admiradores para me estatuaem em vida, o que se não levou a effeito naquelle momento, por não haver bronze sufficiente para obra de tal grandezza.

Ora a orquestra em questão é composta por elementos que no estrangeiro seriam considerados autenticas glorias musicais, mas que aqui, no nosso acanhado meio, são tidos quasi como nulidades. O analfabetismo, em Portugal, é confrangedor...

O violinista, com o seu *Stradivarius* feito de caixas de charuto, é um Kubelick correcto e aumentado, um Kubelick fino, todo café com leite, torradas, guardanapo e palito, como descreveria o sr. Antonio Ferro! As suas arcadas parecem as do Teatro Nacional Alves da Cunha e os acordes do violino uns queixumes de cavalo ao vêr a crina a desfazer-se. O seu colega não lhe é inferior, mas tambem o não suplanta. Em resumo: são duas autenticas glorias nacionais!!

O publico não os aprecia devidamente, mas eles sabem o que valem e tanto assim que se irritaram com a cronica humoristica do humoristico *Rocix*, eternamente contudente e constantemente vítima...

São figuras mal aproveitadas num café, sombras perdidas e desfazerem-se em pó, terra, cinza e nada!

Que tristeza de meio o nosso, onde só impera a valdade, a ignorancia...

*Rocix*, você é um novo, de sangue na guelra e despido de preconceitos mesquinhos. Aceite o meu conselho, conselho de um homem que já vê na cabeça muitos cabelos brancos: Eduque os seus dois filhinhos á moderna, faça-os vaidosos, lisonjeie-os, embora eles para a Arte que escolherem não demonstrem nenhum talento, e vê-los ha triunfar na Vida. E você, vá para o estrangeiro aprender musica para depois a comentar sería ou jocosamente.

E' que, meu amigo, isto de Teatro, Escultura, Desenho, Literatura e Musica é uma autentica obra de gaita... para quem, como você, tem o arrojo de dizer, a rir, meia duzia de verdades!!



O pescador apaixonado — Por si sería eu capaz de renunciar até á pesca.

## Scenas modernas



Os esposos Mindonças tomando banho

# No ano 2000

Os jornais vão passar por uma completa transformação

O cronista, que não tem a pretensão ou a veleidade de ser um dos émulos do mais que celebre Rabestana, vai contar, muito á puridade, aos leitores do *Fixe*, o que pensa sobre o ano dois mil, certamente ainda sobre o imperioso mando de Cristo...

Nessa data já não devem existir, creiam, os *auto-tatas*, que serão substituídos pelos autobuzes supervelozes, pelos aeroplanos que voam a 150 quilómetros por minuto e ainda pelas cadeiras electricas, as quais atravessarão as ruas como raios de morte.

E', pois, o seculo XXI da era cristã o seculo das altitudes e das velocidades. Todos os negocios, mesmo os escuros, serão feitos á luz de potentes projectores assestados no forte de Almada. Não haverá vigários. Como toda a gente anda bem iluminada, bem ultravioletada, não se deixará iludir por qualquer Judas vindo lá do Egipto. Os retrogrados 40 dinheiros, nessa época, deixam de comprar as consciencias. Os políticos, os jornalistas, os militares, o clero e o povo, vivendo a nove, enxertados com glandulas de macaco, confraternizarão como se fossem autenticos anjos — e as mulheres, essas, é que se elevarão nos *Junker's* de 1.500 cavalos até ao Poder. O executivo será composto por menores e o legislativo por matronas maiores de 60 anos.

Tudo será mudado, tudo será reformado. Não escaparão os jornais. Estes dedicados amigos das pessoas curiosas, sempre ávidas de conhecerem os prazeres e os desgostos alheios, é que vão passar por uma completa transformação, a fim dos pobres grilhetas da imprensa terem um relativo descanso intelectual.

Algumas renovações:  
No primeiro dia de Janeiro do seculo XXI declara-se um formidável incendio na Bolsa de Lisboa. Que faz o *reporter*? Toma uma cadeira electrica que o conduzirá até ao local num ápice, e após ter visto com argucia as labaredas accionadas a romper da Bolsa, volta fresquinho á redacção. O trajecto não demorará mais do que um segundo — e o *reporter*, a traços largos, a toda a luz, sem meias tintas, escreve então na colossal gazeta:

**A BOLSA A ARDEN**  
*A brigada de bombeiros aereos n.º 34,5 elevou-se dos seus quartéis do Aeroporto e derramou sobre as chamas extintores quimicos. Os prejuizos foram insignificantes*

Outro facto (a dar-se, é claro): Um dos redactores do *Mil Noticias* será deslocado até á Rotunda, onde se instala omnipotentemente um collegio de *grande velocidade*. Depois da visita, o jornalista conta as suas optimas impressões, as quais transcrevemos um pedacinho delas:

«Durante as horas de aula, os alunos brincavam e, enquanto dormiam, aprendiam as lições. Durante o sono, uma silenciosa bateria de impressores de memoria enchia-lhes as células cerebrais de conhecimentos concentrados, cuja aquisição era tão difficil nos primeiros anos do seculo passado.»

Com os crimes ha tambem novos processos de trabalho. Uma noticia:

**UMA CIDADE A SAQUE**  
*Estão processados os supostos bandidos aviadores por uma serie de assaltos a Bancos*

Outra:  
**UMA MULHER DE RAIOS**  
*Uma mulher do povo acaba de matar o marido, disparando-lhe um raio num lugar que não pode precisar-se*

Outra ainda — e disse:  
**A VOLTA AO MUNDO EM 24 HORAS**

*O sr. Sarmiento de Betres, marechal da Aviação, realizou a volta ao mundo em 24 horas, sempre á luz da lua*

São noticias pequenas, concordo. Mas são noticias claras e de successo autentico.

Quem viver verá se a realidade não excederá em muito a fantasia.

Eu espero lá chegar — se o dr. Voronoff não me fugir!

Ivinho

# Cartas a uma mulher

«Minha encantadora serela:

Confirmando a minha ultima carta e acuso a recepção da tua que, aqui para nós, era um feixe de loucas incoerencias. Que te deixes cortejar pelo galego do merceiro acho sensato e de utilidade para a conservação do teu fisico, mas não posso tolerar que te faças escandalosamente e tão...mente com o banheiro. Este nada te pode dar a não ser um pouco de essencia de sardinha ou agua do mar e eu creio que isso não te poderá servir de alimento. Ainda se fôsse o sr. Carlos Pereira, estava certo, porque embora ele ande pescando nas aguas turvas, fornecer-te hia pelo contador uma agua limpida que, não obstante a sua falsificação ser notoria, é algo saborosa. Espantou-me de veras que teu pai tivesse perdido ao jogo a quantia de 5.000...00, pois julgava que ele não tinha nem cinco réis para mandar cantar um cego.

O facto de tua mãe ter fugido com um falso visconde não me admirou porque ella, coitadita, ha já muito que tinha a mania da grandeza não se preocupando que esta fôsse mais falsificada que o leite das vacas adúlteras. A odissela da tua pobre irmã é uma coisa banal que sucede d'ariaamente. Pelo que depreendo, o causador da sua desgraça é um sátiro que s'atra a todas as mulheres, ainda mesmo que sejam grandissimos estafemos como ella. Não o condeno, antes pelo contrario, pois acho que lhe ficam muito bem esses sentimentos Juanescos.

Cá por Lisboa continua tudo na mesma, como de costume. O assucar, pescadinha de rabo na boca, licor de Chaves e outros generos de primeira necessidade continuam subindo em forma de avião. Só me faltava isto, mas como tudo é preciso nas passagens desta vida, conformo-me, já que é inutil e inestetico protestar contra tal acontecimento.

Recebi o teu retrato, que agradeço reconhecidissimo e prometo-te que brevemente o rifarei. Estás uma verdadeira beleza em estilo manuelino! Não concordo, porém, com o exagerado volume dos teus seios. Tu sabes muito bem que o *Diario de Lisboa* anda fazendo uma campanha con-

tra o leite falsificado e receio que façam réclame á tua pessoa. Não leves a mal este meu receio, mas creio que sentiria enorme desgosto em te ver num estábulo anti-higienico, como succede ás pobres das vaquinhas, ás quais, segundo me consta, do dia 1 de Setembro em deante, vão ser fornecidas camas com colchões de arame e receberão banhos de S. Paulo de cinco em cinco horas e injeções hipodermicas ou pontas de fogo. Tambem lhes farão o tratamento anti-sifilitico.

Agradeço-te, reconhecido, a poesia que me ofereceste e que começava assim:

«Pensei ontem tambem nessa janela  
Que escalaste ás occultas da mamã  
Na madrugada, de verão, tão bela.  
Oh! Quantas noites passo junto dela  
A recordar minha paixão pagã!!  
Depois tanto pensei que adormeci  
E acordei mais gelada que um penedo.  
Em sonhos, meu amor, só a ti vi  
E por pensar talvez demais em ti  
Durante o sono desloquei um dedo!

Continua, minha filha! Assim é que elas principiam... O teu patricio Evangelista, mais conhecido na península por *O rei das Canelas de Tinta Permanente...mente Estragadas*, continua bebendo cervejas fiadas para olvidar a paixão quilometricamente enraizada que começou sentindo por ti desde o dia em que te adquiri no leilão da Liquidadora! Ele, como deves supor, continua a não fazer nada para dar ares dum importante e conceituado comerciante da nossa praça, só frequenta o Café Comercial.

Não ponho, como pedes, um anuncio para saber do paradeiro de tua mãe, pois não deve haver receio de que se tenha extraviado. Apesar de ella ser um objecto antigo—acredita! —é de pouco valor.

Termino recomendando-te novamente para teres vergonha na cara e não deixares comprometida a minha intangivel fama de coleccionador de objectos exquisitos.

Oscula-te a desvergonhada face o teu

Rocix.



—Maria da Graça, é uma cachopa de olhos em braza...

—Essa rapariga é que me servia. Escusava as usar isqueiro.

# Bom humor

**Ela:** — Quando algum homem importuno ou antipático me pergunta onde moro, costume responder que nos suburbios.

**Ele:** — Ah, compreendo. Você faz isso para os desiludir, não é? Mas onde mora?

**Ela:** — Nos suburbios...

\*\*\*

**Ela:** — Quem são aqueles dois sujeitos?

**Ele:** — Um deles é o melhor escritor contemporaneo. O outro é quem o afirma...

\*\*\*

— Que diabo é isso! Para que me teste uma folha de papel em branco dentro deste envelope?

— E' uma carta para minha mulher. Como ha três semanas não nos falamos, vai assim...

\*\*\*

Entre amigos:

— Pedí trinta mil réis ao Joaquim e ele recusou-m'os. Neste mundo só ha gente desconfiada...

— Ha, sim. Eu tambem sou...

\*\*\*

— O rio neste ponto é muito profundo?

— Nem por isso. Os patos atravessam-no com agua pela cintura...

\*\*\*

Na prisão:

**O carcereiro:** — Não te arrelies, homem. Aqui aprenderás um officio. O que queres ser?

**O ladrão:** — Caixa-viajante...

\*\*\*

**O bêbedo:** — Na ultima operação que sofri, os medicos, por esqueci-

mento, deixaram-me na barriga uma esponja.

**O amigo:** — Isso é grave! Deve andar muito incomodado...

**O bêbedo:** — Incomodado não ando, mas tenho uma sede terrivel...

\*\*\*

**A mulher:** — Agrada-te a criada que ontem entrou?

**O marido:** — Muito!

**A primeira:** — E' por isso que acabo de despedi-la...

\*\*\*

No restaurant:

**O freguês:** — Este vinho não me parece muito catolico!

**O criado:** — Fez bem em me avisar. Vou baptisá-lo imediatamente...

\*\*\*

**O marido:** — Porque estás contemplando as estrelas, tão isolada? Pensas que estás solteira, novamente?

**A esposa:** — Não, querido. Estava pensando que seria uma linda viuva...

\*\*\*

**A criada:** — A senhora manda dizer que está pronta dentro de cinco minutos.

**O patrão:** — Então avisa o chauffeur que tenha o carro pronto daqui a meia hora...

## Elevador da Gloria

O elevador da Gloria suspendeu o seu funcionamento a fim de se proceder a obras de modificação na caixa.

Estando o elevador parado, não se comprehendia esta secção no numero de hoje.

## NAS TERMAS



— Podia-me fazer um preço especial de familia?  
— Sim senhor. Tem um aumento de 50 0/0 por ser um idiota que aguenta com tanta responsabilidade.

## Scenas modernas



— O' filha, então não vens almoçar?  
— Olha, vai estrelando os ovos enquanto eu reparo aqui este cilindro.

## O peor dos animais

Pantaleão Silva era um distinto amanuense do ministerio do Trabalho, morava num 3.º andar, no Conde Redondo. Era casado com a D. Maria, da familia dos Costas, da R. dos Fanqueiros. Tinha uma sopeira que namorava todos os padeiros da vizinhança e que era de sua graça Felizberta, ainda que fosse uma *infeliz Berta*, com o ordenado de trinta *malreís* e com o seu *adonts*, um illustre guarda republicano do Carmo.

Já que o apresentamos, leitor amigo, vamos-te contar uma historia veridica do nosso Pantaleão, mais conhecido pelo *Espantaleão*, pela sua tendencia a espantallo, capaz de espantar o dito animal suffixo:

Certa tarde de Agosto, em que o calor era sufocante, a ponto de na estepa da Avenida os passaros se derreterem pouco a pouco, pingando cá para baixo o produto malcheiroso dessa fusão; chegou o nosso Pantaleão a casa com uma redoma, onde nadava um carapau encarnado.

Quando a mulher o viu entrar com tal companheiro, tremeu, empalideceu, tornou a tremer e disse:

— Pantaleãozinho de minha alma!... Isto não pode ser!... Mais uma boca é impossivel!... Lembra-te de que só ganhas seiscentos mil réis!...

— Mas Mimí!... Faz-se um geltinhol!...

— Não!... Impossivel!... Vou dá-lo á Felizbela para o grelhar e servi-lo ao jantar!...

Nesta altura, o peixe, de vermelho, passou a branco, enquanto que um produto estranho vinha turvar a agua e disse para os seus botões:

— Irral!... Desta não escapol!... Nesta casa, nem carapau se pode ser!...

Pantaleão continuava a convencer a mulher:

— Ouve cá!... Ele, em nada te incomodará!... Serel eu quem o tratará e dar-lhe-ei, do meu pão, o seu alimento diario!... Que diabol!... Tambem, se não quizeres a bem, será a mal!...

D. Maria não insistiu; mas jurou vingança.

Passaram os dias e, certa manhã, o nosso Pantaleão é acordado pelas patas frias e indiscretas duma ratanzana branca e sem vergonha que se esgueirava por entre os lençois. Pantaleão saiu fora da cama, berrando:

— Felizberta!... Felizberta!...

Entrou a criada e o nosso homem afastando os lençois mostrou-lhe o animalejo, dizendo,

— Que é isto?

— Isto!... Isto é da senhora!...

Pantaleão vestiu-se num relampago e saiu de casa, urrando vingança.

Nessa tarde, entrou em casa, um papagalho barulhento, irritante, sabendo todos os lugares selectos da nossa linguagem.

A mulher ripostou-lhe com um inofensivo e velho leopardo, vendido por um amestrador de feras, mas que era necessariamente mal cheiroso para incomodar toda a gente.

Tempos depois, a D. Maria, ao entrar em casa, deparou com um cão da Serra, que, rosnando, lhe mostrava os dentes, enquanto que o marido dizia escarninho:

— Mimísinha!... Vamos a ver como te desforras!...

Ela, numa calma digna do golfo da Guiné, sentou-se á secretaria escrevendo uma carta. Pantaleão disse-lhe num riso ironico:

— Então!... Vais mandar vir algum leão, tigre, crocodilo ou macaco?...

— Não!... Vou mandar vir a mamã!... Isto vai acabar!...

Pantaleão, pálido, cheio de suores frios, articulou a custo:

— Não!... Não!... Isso é demais!...

E nessa noite o peixe encarnado ia narrar esta lugubre historia aos seus irmãos dum dos lagos da Avenida.

Caro leitor, tire desta simples historia, este conceito:

*A sogra é o peor dos animais.*

K. H. Nito

## Secção de anuncios

### EMPINGENS

Empingem-se esposa e sogra e mais animais anexos. Quem pretender, dirija carta ás letras J. V.—33.

### TOMA-SE

Toma-se de trespasse dactilografado dum ministerio, ainda em bom uso. Resposta ao n.º 25.

### MENINA

Filha de familia, apenas com o defeito de ser vêsga, ter escrofulas e a mão direita torta, deseja encontrar cavalheiro de meia idade e saudavel, com quem faça casamento. Enviar carta e fotografia ao *Sempre Fixe*. N.º 23.

### LATOEIRO

Precisa-se dum actor que tenha mais *lata* que o Carlos Leal. Carta ás iniciais A. M.

### MENINA

Precisa-se menina apresentavel que saiba de bainhas abertas... com o uso. Resposta ao n.º 525.

### EMPREGADA DE PRAÇA

Necessita-se com urgencia menina que conheça a praça e não se importe de trabalhar a ataxi. Carta ao n.º 22-K.

### CARTEIRA

Apresentando os melhores cumprimentos, pede-se ao excellentissimo senhor gatuno que ficou roubado roubando uma carteira de jornalista a fineza de a mandar para a Praça Luis de Camões, 423, 5.º.

### CASACO

Vende-se casaco em muito bom estado, todo em pele de sogra reforçada. Dirija-se ao n.º 3.

### HOMEM

Precisa senhora desiludida da vida, com casa, sua mas lava-se. Resposta ao n.º 23.



O *petiz* — O *Celta* tornou a perder e o *Barcelona* foi derrotado mais uma vez.

O *pai* — E' que nós não sabemos fazer bem as coisas com os pés.



— Quero que tirem o meu retrato da montra.

— Mas, minha senhora, é uma distincção que lhe fazemos.

— Então tire o letreiro: «12 por 5 escudosa».

## A ultima do... Wenceslau

### O sono

Esta cronica será a ultima das que eu tenho afusilado ao meu querido Wenceslau. Juro-o, aos meus leitores e a deo. E se reincido, apesar de ter já abandonado a comodi origem, de tão belo humorismo alheio, é porque estou com sono, com um sono invencível e urge entregar o original para o *Sempre Fixe*.

E como tenho sono, busco entre as cronicas de Wenceslau aquela que trata o sono. Mas tenho tanto sono, tanto, que nem a tradução faço dum fôlego, limitando-me a traduzir aos sórvos, bocejando.

Uil! Que sono!

\*\*\*

Um medico francês escreveu um artigo fazendo a seguinte categorica afirmação: somos uma geração de fatigados; quasi todos os males do nosso tempo provêm de não dormirmos bastante. Gastam-se muitas energias que se não compensam com o necessario descanso; estamos sempre em dívida com o nosso sistema nervoso; é necessario dormir.

Ninguém se quer convencer disto; e dá-se o caso de haver muita gente que ainda se orgulha de dormir pouco.

«Os homens — diz uma frase — conhecem-se na mesa». Não; os homens conhecem-se na maneira de dormir. «Diz-me como dormes — pode afirmar qualquer observador — e dir-te-hei que espirito tens».

Ha pessoas que julgam que o sono é um simples parentesis. Quando sentem fechar-se-lhe as palpebras, enfiam um górrico e deixam-se cair na cama com ar de quem sucumbe ao irremediavel. Depois roncam durante algum tempo, primitivamente, sem arte nem harmonia, e, ao levantar-se, julgam renovar a verdadeira existencia.

Mas o sibarita sabe que a verdadeira existencia começa ao estendermo-nos na cama. Só então se é absolutamente livre. O amigo massador, o trabalho pesado, todas as imposições e exigencias sociais ficam á porta do quarto de dormir, esperando a nossa saída para nos tornarem a massar.

O egoismo — esse principal segredo da felicidade — aguçá-se enormemente no sono. Wenceslau conheceu um saboreador de sono que subvencionava o guarda nocturno para que nas noites de chuva passeasse sob as janelas do seu rez-do-chão.

Ouvia cair a agua a torrentes, sentia estremecer-se a porta e assobiar o vento nas vidraças; enfim, toda essa sinfonia das noites de furacão. E ou-

via tambem os pesados passos do guarda-nocturno que ia e vinha, sob tão forte temporal... Então, o requintado dorminhoco enterrava-se mais nos lençóis, pensando com delicia:

— Que horror! Como esse homem deve estar molhado!

E tornava a dormir, seraficamente. Wenceslau foi uma manhã entrevistar um politico que lhe afirmara estar a pé ás oito horas.

— Que ha? — perguntou, abrindo um olho.

— São oito e meia — respondeu Wenceslau.

— Então, é já dia claro?

— Claro.

— Mas claro completamente, com carros electricos, criadas sacudindo tapetes e rapazes apregoando jornais?

— Jornais não vi.

— Então vá ver.

E deixou-se novamente dormir.

Wenceslau tornou a acordá-lo, lembrando-lhe que afirmara levantar-se ás oito da manhã.

— A verdade é que eu não madruggo, creio mesmo que se não deve madrugar. O prazer de dormir é superior a todos os prazeres do mundo. A lei da natureza ordena não madruggar. Os animais superiores, os carnivoros, as feras dos bosques e das montanhas, dormem todo o dia e levantam-se de noite para caçar e beber. Quem madrugga no mundo? Uns quantos pas-saritos sem sentido commum.

Desgraçadamente, poucas pessoas sabem dormir. A maioria julga que dormir consiste em estar oito horas sem sentidos. Ora assim não se gosa o sono. O sonho, como um licor precioso, deve-se tomar aos sórvos. Eu tenho um despertador que me chama á meia noite. Abro os olhos, fixo o despertador e penso: Que horrivel seria ter que me levantar agora! Atiro para o chão com o ruído do instrumento e torno a dormir. Nas noites de chuva e de frio, o meu criado tem ordem de sair e dar uma volta pela cidade. Oiço-o sair e digo: «Que noite que ele vai ter!» E durmo com mais consolo. E' preciso dormir-se assim para saber apreciar o sono. Ensinar a dormir: eis uma função do bom governante. E desculpe que eu o tenha feito madruggar.

— Ainda m'ê não deitei — confessou Wenceslau.

— Ai! Não? Então deve estar derreado...

E deixou-se dormir, satisfeittissimo. Estou farto de traduzir. Fecham-se-me os olhos. Não estou para mais. Ai, que sono! Vou dormir...

**Perez la chaise.**



— Então quando esse homem convidou a menina, não sabia para o que ia?

— Não, senhor juiz, demais eu não sou de Lisboa, nem sei lêr...

## Charadas em fraze

Acolá não está bem uma besta. — 2-1.

Decifração: *atimal*.

Não é baixo e move-se este veiculo. — 2-2.

Decifração: *altomovel*.

Tira do ovo este processo. — 3-2.

Decifração: *extratagem*.

Este solido e este liquido é uma ave. — 1-2.

Decifração: *pãobinho*.

Anda no ar e na pista esta autoridade. — 1-2.

Decifração: *pótiça*.

Tem dentes e aperta sem ser aqui na gaita. — 2-1-1.

Decifração: *garfonóla*.

Em sessenta minutos o homem viu a actriz. — 2-3.

Decifração: *Ora Abranches*.

O pau preto encontra-se cá desplido. — 3-2-1.

Decifração: *Ebano Estdaqutau*.

Esta consoante no dia da lotaria torna-se doença. — 2-2.

Decifração: *E'meroda*.

A bebida vi no Porto ao pé da arvore do artista. — 1-1-3.

Decifração: *Xábi Pfnheiro*.

A vogal é uma pequena montanha quando a deusa vê a vasilha. — 1-3-3.

Decifração: *Amontelia*.

O ouro francês é de esticar na maternidade da actriz. — 1-2-1.

Decifração: *Ortensa Luz*.

O batraquio não vai ao fundo. — 1-2.

Decifração: *rãboia*.

Não é boa e não chora da agua que dela corre no Eden.

Decifração: *Maria da Fonte*.

Cosinha este sinal e esta letra que ilumina. — 2-1-2.

Decifração: *assilene*.

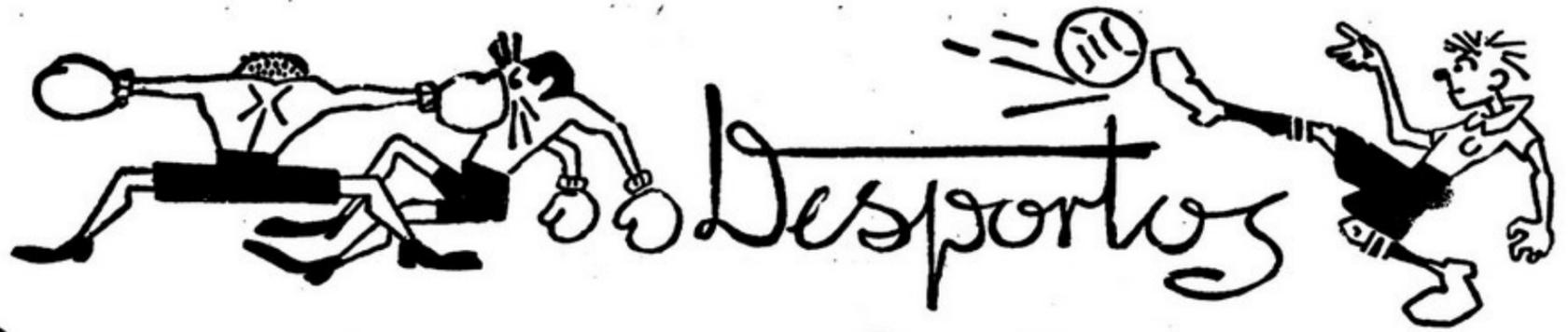
Uma letra grega no carro electrico ilumina. — 2-1-1.

Decifração: *pitroley*.



— Podes bater-me á vontade. Sem TODDY é que eu não almoço. O ar. dr. disse que o devo tomar todos os dias para me fazer um homem robusto.

**SEMPRE FIXE** vende-se na Povoas de Varzim, na Livraria Academica Editora.



# Os americanos e o Coelho á caçadora

Esses Jogos Olímpicos disputados este ano em Amsterdã não devem ser tomados demasiadamente a sério. Não passam de jogos...  
 O senhor Clement Vautel, conhecido representante francês do *senso comum* — desse *senso comum* tão perigoso como a dinamite... — protesta no seu jornal contra a importância dada aos Jogos e contra o cerimonial que os rodeia.

Diz ele: — «É completamente desproporcionado izar bandeiras no alto dum mastro e tocar hinos nacionais para marcar a vitória dum atleta. Tais jogos são perigosos porque exaltam o nacionalismo e dão aos povos ocasião para questionar, encontrando-se.»

Ora foi um francês quem, no fim do século passado, teve o sonho de dar a todo o Universo os benefícios de Olympia. Este idealista forjava uma alavanca para o amor e a paz dos povos. Que culpa temos nós de que os povos em crise de crescimento tenham agarrado na alavanca e feito dela uma arma?

Logo no início dos Jogos, no torneio olímpico de *foot-ball*, se viu que o estádio era um campo fechado em que os nacionalismos se exasperavam em vez de se suavizar — e se opunham em vez de se humanizar.

E, pelos Jogos fóra, isto continuou, até às próprias competições femininas.

Reveja-se, por exemplo, o que foi a final da corrida de 800 metros para mulheres — para *damas*, como diziam pudicamente os programas oficiais.

A chegada foi emocionante. Uma alemã, a menina Radke *ta á cabeça*, e com tal velocidade que abaixou de sete segundos o *record* feminino da distancia. Atrás dela só parecia haver um bando de vencidas. Mas, na entrada da recta final, uma japonesa tentou alcançá-la num esforço tanto mais impressionante quanto se evidenciava inútil. Hitomi lutou até ao limite, quasi até á morte. Não mor-

reu, felizmente — mas não ultrapassou a alemã.

Ao chegar á meta, a japonesa era um corpo sem alma. Calu, desmaiada. Mas esse heroísmo inútil serviu para se ouvir uma coisa impressionante: Dezenas de milhares de alemãs sustentando o esforço da sua compatriota com um grito dum amplidão fantástica — o nome nivado em dois tempos com um acento rouco, martelado, frenético: *Rad-ké! Rad-ké!*

E, enquanto cinco das suas rivais caíam esgotadas, a joven *Valkyria* vitoriosa era abraçada, esmagada com manifestações ferozmente indiscretas...

Esta amavel rapariga mostrou tem — tal como as suas compatriotas noutras provas — pelo seu vigor, pela sua resistencia na prova desportiva e nos abraços, que as alemãs, que eram crianças entre 1914 e 1918, não sofreram muito, graças a Deus, com

as privações do tempo de guerra — e que estão em perfeito estado para procriar em quantidade industrial novos soldados germanicos normalmente constituídos.

O pseudo-pugilista Coelho foi á America...

Foi á America — e foi um desastre. Antes de qualquer organização, os americanos quizeram ver trabalhar o homem. E arranjou-se um treinosinho, numa sala qualquer, com um qualquer daqueles muito pesados que por lá pululam.

Acontece que os treinos na America são uma coisa muito mais séria do que certos combates no Coliseu.

E, segundo as noticias que á chegaram, o desconhecido americano Hunter deu conta do Coelho em 26 segundos. Descontando os 10 segundos do *knock-out* e os cumprimentos do estilo, temos que o herbívoro pugilista não chegou a combater cinco segundos.

Podemos tocar o hino e embandeirar em arco, porque é mais um *record* nacional — um *record* de velocidade...

Como Hunter significa caçador, os americanos saborearam decerto deliciosamente a confecção em cinco minutos daquele prato de coelho á caçadora...

Ha muito que se deixou de falar, entre nós, em corridas de cavalos.

É uma modalidade desportiva que parece agonizante.

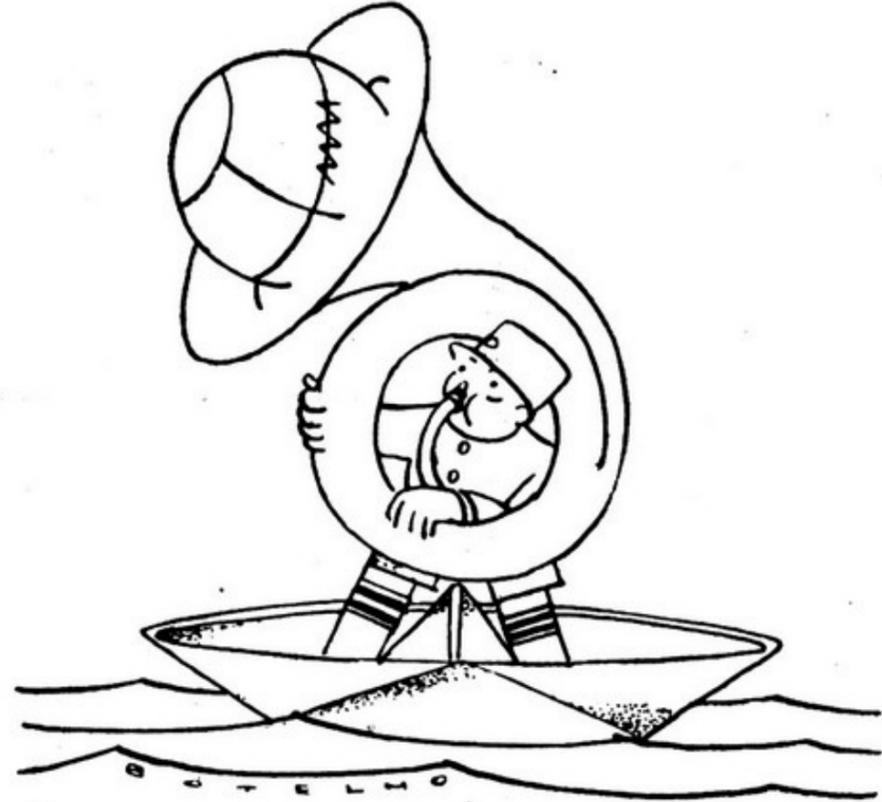
Não souberam atrair para ela a gente sinceramente atacada do virus desportivo. E, sem este treponema vermelho, não ha competição que interesse...

A assistencia ás corridas de cavalos entretinha-se a admirar e a admirar-se...

Apontava-se: — a *toilette* da viscondessa A, o financeiro B, a actriz C, o automovel do D, a amante do banqueiro E, o literato F.

Entretanto, lá no longe, havia uns vagos cavalos que corriam...

## CONSTA-NOS...

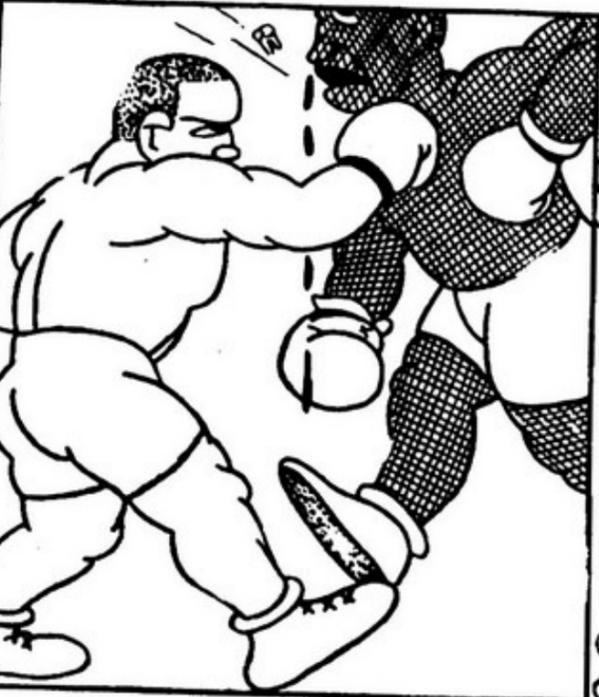


que vae ao Brasil uma banda de foot-ball dirigida pelo capitão Fão

## TREZ FAZES DUM "BOXEUR"



Na rua



No «ring»



Em casa

D. J. Vas

# ECOS DA SEMANA

NA EXPOSIÇÃO POMICOLA NÃO SE VEIAM BONS PEÇEGOS COMO TAMBÉM BÉLAS PEÇEGAS



A VIAGEM A DUO DADA MOÇAMBIQUE APESAR DE TODAS AS PRECAUÇÕES OS AVIADORES NÃO

CONSEQUIRAM PARAR A CHUVA



EM BAIXO, AQUI, AO LADO DIREITO, VÊ-SE O LAGO DE ATER- RAGEM EM KAYESS COM BATATAS.



UM CORUJÃO NA BIBLIOTECA NACIONAL

OS EMPREGADOS DA BIBLIOTECA CAGARAM LA NUM PATEO UM CORUJÃO. É O QUE SE CHAMA UM EX-LIBRIS AO NATURAL



DIZEM QUE O BICHO VAI FICAR NA SALA DE LEITURA, AO LADO DO BIBLIOTECÁRIO, PARA IMPOR SILENCIO

UMA TARTARUGA DE 'OITO' METROS NOS MARES ALGARVIOS, FOI APANHADA PELO PESCOÇO, POR UM ARRAIS CONHECIDO PELO 'FALACHA'. (ao Lido de Faro)



CONSTA QUE TAMBÉM VEM PARA A BIBLIOTECA NACIONAL PARA ENCADERNAÇÕES DOS LIVROS DE LINHAGENS

AO CIMO DA CALÇADA DA GLORIA

ESTE DESCENSOR ESTÁ A FERIAS



EM QUE ESTILO SAIRÁ A NOVA CONSTRUÇÃO? SERÁ OUTRA VEZ EM WC?

BOCAGE FEZ A 15 163 ANOS



VISÃO DO QUE SERIA BOCAGE, COM O PESO DOS 163 ANOS A RECONSTITUIÇÃO É DE AUGUSTO PINA

A CIDADE DA BOA LARANIA 1921

ASPECTO DA INAUGURAÇÃO NA ROTUNDA DO 12 NOVOS-CANDEIEIRO.



AH! AH! AH!  
UH! UH! UH!  
AH! AH! AH!  
OH! OH! OH!  
IH! IH! IH!